



Os setores que alimentam e dão força ao DF

“O setor de alimentação é o que mais reflete a realidade econômica do País, pois a produção e comercialização dos seus produtos envolvem todas as camadas sociais”, afirmou o empresário Jaime Alarcão, vice-presidente do Sindicato de Alimentação. Segundo ele, embora a realidade do setor no Distrito Federal esteja inserida em um mercado que tem um poder aquisitivo médio-alto, ainda faltam grandes investimentos.

Alarcão considera que o mercado do DF começa a dar os primeiros passos para a industrialização no setor alimentício, o que pode perceber com uma nova fábrica para produção de refrigerantes da Brasal, do grupo Osório Adriano. “Convivemos ainda com empresas locais de pequeno porte nos diferentes segmentos do setor de alimentação, o que obriga o mercado a se abastecer com produtos importados de outros estados”, explicou, salientando que a exceção fica por conta da empresa Só Frango, que lidera e disputa o mercado interno com a Perdigão, Sadia e Rezende, e que também exporta parte de sua produção para outros estados.

Segundo o Sindicato da Alimentação, o DF já é praticamente auto-suficiente no abastecimento de produtos hortigranjeiros, mas depende da importação de quase todos os outros itens da mesa do brasileiro, que geralmente são trazidos dos estados de Goiás, Minas Gerais e São Paulo. Para Alarcão, esta situação faz com que grande parte dos negócios do setor acabe girando em torno de grandes empresas atacadistas, algumas de projeção nacional, como os atacadistas Mendes e Peixoto, e outras de empresários locais, com destaque para as lojas do Grupo Oliveira e Lima e a rede Santa Terezinha.

Esta realidade, segundo o vice-

presidente do sindicato, impede a expansão do setor de alimentação na economia local, que é capaz de faturar e empregar muito mais do que vem fazendo até agora. Para tanto, sustenta Alarcão, é necessário que o Distrito Federal passe a buscar a auto-suficiência, incentivando a produção local para o setor de alimentação, atraindo assim grandes investimentos.

“Os maiores empecilhos que atrapalham estas mudanças são as dificuldades que os investidores têm encontrado para obtenção de terrenos e a falta de incentivos diretos por parte do estado. Enquanto um assentamento urbano é feito em menos de um ano, um assentamento industrial demora até quatro anos para se concretizar. Precisamos mudar este contexto”, criticou, ressaltando que esta poderá ser uma das grandes saídas para acabar com o desemprego. O Poder Público perdeu a capacidade de empregar a imensa mão-de-obra excedente na capital, função esta que recai sobre o empresário, conforme sustenta o vice-presidente, que lidera a empresa Pão e Companhia, do setor de panificação. “O setor de alimentação pode desempenhar um papel importante neste processo, devido à potencialidade do mercado do DF”, opinou Jaime Alarcão.

URV — Para Jaime Alarcão, o setor de alimentação foi afetado pelas medidas econômicas adotadas com o plano do senador Fernando Henrique Cardoso. “A implementação da URV deixou os consumidores inseguros, e isto se refletiu nas compras”, explicou, acrescentando que o faturamento das empresas do setor caiu em torno de 6% nos meses de março, abril e maio, com base no dólar. Segundo o empresário, as empresas tiveram muita dor de cabeça para adequar os preços de venda dos produtos, cobrados em cruzeiros reais, com o pagamento aos fornecedores, feito em URV.